

## **ANA CLARA TORRES RIBEIRO**

### **Onde a senhora nasceu?**

Eu nasci no Rio de Janeiro em 1944. Meu pai era engenheiro agrônomo, ele trabalhou muito tempo como professor também na Rural, Universidade Rural do Rio de Janeiro. Trabalhou também no governo Getúlio Vargas durante... no primeiro governo Getúlio Vargas, na área da agricultura, da agronomia propriamente dita, né? E teve uma trajetória realmente muito larga. E minha mãe, ela, vamos dizer, trabalhava em música, ela trabalhava na Escola Nacional de Música, ela foi... formou-se por lá em violino e era violinista. Então, quer dizer, na verdade eu venho, sim, de pais escolarizados.

### **No caso, como é que a senhora poderia narrar o caminho da senhora em direção às ciências sociais?**

Eu era estudante de música – eu sou graduada em música pelo Conservatório Brasileiro de Música – e na época não era exigível o segundo grau. Então eu tinha o ginásio, que era o que existia, e estudava música. Acabei me formando em música mesmo e também estudei contraponto, harmonia, parte composição em música. Estava avançando na área da música mesmo quando uma série de traumas – traumas pessoais, familiares, individuais – transformaram minha percepção e eu fui fazer o supletivo. E no supletivo – que na época você fazia prova depois pro Pedro II e no Liceu Nilo Peçanha em Niterói, que eram os únicos que davam o título do supletivo – eu acabei mesmo no curso, que eu fazia em Copacabana, pra poder fazer os exames do supletivo, e eu conheci pessoas que já eram de esquerda, mais vinculado com o Partido Comunista e comecei, então, a ler alguma coisa que me davam: História da Riqueza dos Homens e outras coisas, que achavam que, realmente eu tinha salvação, apesar de eu achar pessoalmente que eu não entendia

muito bem o que era aquilo. Mas, finalmente li. E um dia, por acaso, eu estava andando de ônibus e disseram “Ana Clara, você pode fazer o vestibular mesmo não tendo completado as provas do segundo grau”. Eu digo “não, mas eu estive ali na Faculdade de Filosofia, no Centro, a Antônio Carlos, e disseram que não, que eu não podia, que eu tinha que fazer primeiro os exames”. “Não, mas na PUC pode”. Eu digo “ah, pode? Então eu vou tentar”. Vou tentar, eu passei, então, pra fazer sociologia, que eu não sabia nem o que era exatamente sociologia. Me disseram que eu podia tentar sociologia e eu tentei sociologia e entrei em sociologia em 64. Agora você imagina... Saindo da música para sociologia em 64, sem saber onde estava entrando, sem ter feito segundo grau, sem ter participado de movimento secundarista, nem absolutamente nada disso, porque eu estava saindo de uma outra circunstância, inclusive bastante ruim, pessoalmente, pra dentro desta situação outra que me foi muito surpreendente. Custei bastante a compreender toda complexidade daquele momento e tentar me posicionar dentro daquela complexidade. E entender o que era sociologia também, porque também não é tão simples quanto parece, né? Então eu tenho essa memória desse período muito acesa exatamente por conta de quanto mudou minha percepção de mundo e a busca que eu tive que fazer para compreender o que estava acontecendo efetivamente naquele contexto. A minha turma é uma turma muito querida e eu diria muito ativa. Uma turma que eu consigo sempre, com bastante afeto, lembrar os colegas. Na verdade Lígia Sigaud, Lícia Valladares, Alícia Rangel. Temos o Antônio Calmon. Tem cineastas também, o Paulo Thiago... isso tudo é... Sérgio Miceli. Sérgio Miceli também é da mesma turma. A Regina Morel também é da turma. Essa nossa turma é uma turma muito interessante, porque ela continuou trabalhando na área das ciências sociais de uma maneira muito ativa. Mas, na verdade, eu tive uma outra turma. Isso é uma coisa muito curiosa, talvez eu seja caso único. Porque eu comecei a trabalhar no Instituto de Ciências Sociais do que seria a federal, então a nacional, o Instituto de Ciências Sociais da Marquês de Olinda. Então eu acabei, no segundo ano

da graduação eu comecei a trabalhar com pesquisa na nacional propriamente dita, na Federal do Rio de Janeiro. Acabei conhecendo, vamos dizer, todos da geração de alguma maneira: os que estavam na PUC e os que estavam fazendo na Federal do Rio de Janeiro: Gisela Grabois, Leila Stein, que agora está realmente em São Paulo. Vários que morreram aí na ditadura, enfim... quer dizer, todo um pessoal... o Cléber Lemos, que acabou de ser homenageado agora pelo Tortura Nunca Mais. Todo um pessoal outro que também muitas vezes pertenciam a outras organizações políticas, mas que completaram pra mim um quadro geracional muito importante. Então eu conheço mais do que aquela turma exatamente da graduação por isso.

### **Esse instituto que foi dar origem ao IFCS, não?**

A parte de ciências sociais do IFCS. Porque, na verdade, o curso de ciências sociais na repressão foi tirado da Faculdade Nacional de Filosofia e colocado junto com o Instituto de pesquisa, que era esse da Marquês de Olinda. Então o curso de ciências sociais foi colocado lá dentro. E dali... uma realidade muito difícil, uma repressão violentíssima dentro desse lugar na Marquês de Olinda, até que tiraram, então, da Marquês de Olinda o Instituto de Ciências Sociais e juntaram... o Instituto não, o curso de ciências sociais, levaram tudo junto – o instituto e o curso – para o IFCS. Mas o Instituto praticamente foi destruído na época, o Instituto de Ciências Sociais.

### **Na Nacional a senhora foi fazer pesquisa em que área?**

Chamava-se “Os setores econômicos brasileiros”, Eu trabalhava com a área da Amazônia, com o Banco da Amazônia, enfim. A parte mais de economia propriamente dita junto com essa ideia de organização do Estado da economia brasileira.

**A senhora pesquisou muito... praticamente todo o tempo da graduação da senhora da PUC, a senhora pesquisou também, não?**

Foi, eu fiz uma formação dupla no caso, né? Porque eu tive essa grande oportunidade de me formar muito bem, numa época muito boa da PUC, onde havia o bacharelado mesmo, uma coisa muito sólida, com excelentes professores na PUC: o Manoel Maurício na área de história. Enfim, nós tínhamos figuras de professores excelentes... a Míriam Limoeiro na área de epistemologia, de metodologia.

**Quando foi surgindo pra senhora o tema do urbano e dos movimentos sociais na trajetória da senhora?**

Eu não consigo uma memória perfeita disso não. Mas eu fui... eu dava aula... eu pedi demissão do IFCS em 1972, né? E fiquei fora dos quadros da Universidade porque eu tive problemas na época. Então realmente pedi demissão. Era muito jovem também, devia ter uns 24 anos, uma coisa assim, ou 25. E comecei a biscatear, uma grande experiência de biscateira. Eu dei aula por aí, de muitas coisas, desde aula em supletivo até aulas em cursos de turismo que estavam começando. E, enfim, de cultura brasileira, muita coisa. E dava aula também aqui na geografia. Me chamavam como extra-quadro para dar aula de sociologia urbana. Então comecei pela sociologia urbana, aprofundar cada vez mais a sociologia urbana. Quando eu fui fazer o mestrado também, eu fiz o mestrado no IUPERJ orientada pelo Machado, pelo Luis Antônio Machado da Silva. Então comecei a trabalhar com mercado informal e fiz a minha tese sobre biscate e biscateiros então. E juntando sempre trabalho e urbano de alguma forma, tanto na prática de aula quanto também na minha formação, na dissertação de mestrado. E a partir daí eu mantive sempre alguma atividade de pesquisa na área de trabalho dito informal. Permitindo sempre uma linha de pesquisa nessa direção. Começou com biscate e biscateiro, a própria dissertação de mestrado e depois eu fiz, ou individualmente ou em grupo, outras pesquisas financiadas pela Fundação Carlos Chagas e pra outras fundações – né? – pra continuar

trabalhando, biscateando, né? Fiz um trabalho sobre a operária externa de fábrica, ou seja, a operária sem vínculos reconhecidos no setor de confecções. Então fiz um trabalho grande, inclusive Sá Barreto e também o Roseli Elias, éramos quatro pessoas trabalhando nessa pesquisa e depois outras pesquisas no mercado informal de trabalho. Inclusive porque no texto sobre camelôs, eu escrevi junto Roseli Elias, e comecei a dar aula também no IBRADES, que é o centro de pesquisa dos jesuítas, né? Eu estava lá também dando aula de realidade nacional e sempre trabalhando em direção ao urbano. Fizemos pesquisa lá também. O IBRADES ficava na Bambina, né? Ali é um centro progressista dos Jesuítas que existem esses centros na América Latina toda, né? E esse centro atualmente está em Brasília. E tive a oportunidade de trabalhar com indicadores sociais vinculado esse tipo de pesquisa ao trabalho urbano dos biscateiros. Então, o caminho para o urbano, ele foi muito construído por diferentes atividades durante todos os anos 70. Até eu vir trabalhar aqui dentro do IPPUR... já também me chamaram para dar o curso de movimentos.

### **Como é que pintou o mestrado pra, pra... como é que foi?**

O mestrado eu tentei fazer na USP, depois tentei a antropologia também. Essas experiências não foram muito positivas e eu acabei fazendo prova do IUPERJ. Na verdade, o mestrado ele apareceu como uma oportunidade mesmo. Quando terminou a graduação não havia, pra mim, muita percepção daquilo do que eu poderia fazer efetivamente como socióloga, e eu acho que isso não é uma experiência só individual, ela é bastante ampla. A impressão que nós temos é que não temos nada a fazer, que tudo já foi feito de alguma forma, né? Então eu tinha um pouco essa sensação, mas fora disso, fazer o mestrado apareceu como uma oportunidade de encaixe no próprio campo, vamos dizer assim, o quanto era importante eu ter uma interação forte, formadora e também de oportunidade mesmo de sobrevivência dentro do campo. Então eu acho que, estrategicamente, se colocava como uma coisa muito importante tentar uma penetração no campo através de um mestrado. E também o

lado da formação, evidentemente.

**Esse período todo foi nos anos 70. A senhora fez pesquisa em vários lugares, fez mestrado no IUPERJ. A senhora tinha algum tipo de militância política, tinha alguma... afinidades políticas se conjugavam aos seus estudos?**

Também, mas eu creio que pra mim sempre foi bastante claro que existia alguma coisa de militância política fazer no plano das ideias também. Por mais que tivesse, assim... claro que a gente interagia política e organizadamente desde a... quer dizer, o término da graduação, pra mim mais do que durante a própria graduação, né? E isso é muito curioso porque de alguma forma as pessoas sempre apresentam como militantes dos anos 60 como estudantes de graduação, mas isso não é o meu caso. Eu estava tentando me entender nos anos 60 de alguma forma, não tem nada de anos de ouro nem de anos de chumbo propriamente ditos. De chumbo talvez bastante. Mas, de qualquer maneira, nada que fosse, assim, tão definidor quanto parece que foi pra outros da mesma geração. Pra mim era muito mais o mapeamento... tentativa de sobrevivência e entendimento. E pra mim a coisa aparentava de maneira muito forte no seguinte sentido: os sociólogos não eram desejados nem queridos na época. E pra mim isso tinha bastante sentido. Quer dizer, lutar para sê-lo, à revelia do poder da época já era muito. E sê-lo de uma maneira competente. Tá?. Isso já era muita coisa. Era uma luta infinita. Inclusive pra conseguir os livros, pra conseguir os debates, pra conseguir participar dos debates. Isso sem dúvida nenhuma. Então eu tive bastante interação com militantes e organizações sempre. Inclusive fui da organização e da direção da Associação de Cientistas Sociais do Rio de Janeiro em todo caso.

### **Essa associação é a que vai dar depois na APSERJ?**

Ela morre e renasce como Epserj. Mas foi toda uma experiência... mais de 300 filiados durante a ditadura. E nos organizávamos bastante. E atuávamos: dando cursos, abrindo discussões, abrindo debates o tempo todo, né? E isso bastante. Até que ela morre por conflitos internos e dificuldades mesmo do processo. Ela morre e depois ela renasce, aí já dentro do ideário do novo sindicalismo, como sindicato vamos dizer. Ela nasce depois como sindicato, mas eu mesma não quis participar naquele momento porque, pra mim, a percepção associativa tinha uma outra conotação, que não era sindical. Era muito mais no plano das ideias e da resistência mesmo no plano das ideias.

### **A senhora falou que depois do mestrado já veio dar aulas aqui no IPPUR...**

Eu dava aula... depois do mestrado eu trabalhei na Fundação Oswaldo Cruz com o professor Sérgio Arouca, trabalhei com o Dr. Sérgio Arouca, trabalhamos lá. Eu coordenava uma equipe de pesquisa junto com a socióloga Isabel Picaluga. Trabalhávamos juntas na coordenação de uma equipe de pesquisa. Nós tínhamos sido demitidas do IBRADES e trabalhávamos na Fundação Oswaldo Cruz na coordenação de uma pesquisa sobre campanhas sanitárias. Então trabalhamos aí dois anos. Depois fomos demitidas por conta mesmo da repressão no interior da Fundação Oswaldo Cruz. Eu fui demitida. Perdi aí a minha penetração na área da saúde nessa época, pra tentar então remontar... e aí tivemos, entre 1978 e 1979, uma pequena ONG (CEPPES), eu acho que seria isso, nós sete ou oito cientistas sociais organizados numa ongzinha – que seria hoje uma ongzinha – e peguei alguns trabalhos pra fazer. Sobretudo um trabalho na Fundrem, sobre mais uma vez região metropolitana do Rio de Janeiro, outra vez voltada à problemática urbana e foi aí que eu tive o prazer de conhecer, então, o professor Milton Santos com quem eu trabalhei, então, mais de vinte anos depois. A problemática do território, do urbano – né? – e sempre em diálogo com o professor Milton Santos

durante esse tempo todo, então, depois.

**A senhora diria que a experiência do Ceppes foi mais em função – como a senhora já adiantou – de oportunidade de trabalho em pesquisa ou teve, poderia dizer que teve algum tipo de inspiração em centro de estudo... centro de articulação intelectual semelhantes, como o Cebrap ou Cedec, não?**

Não, nós éramos bem mais modestos, eu acho. Até porque não tínhamos financiamentos – né? – como esses centros tinham, vamos dizer assim, né? Nós éramos bem mais modestos e bem mais precários. E a nossa condição era muito difícil concretamente. Não tínhamos apoios internacionais, nem nada disso, e a nossa vida aqui no Rio de Janeiro era muito dura. Então não passava por aí nem longe. Nós queríamos realmente trabalhar. Então eu vou dizer que, pelo menos pra mim, a experiência toda dos anos 70 é uma luta infinita pelo trabalho, pra permanecer trabalhando. Dignamente, é claro – né? – não fazendo qualquer coisa.

**Como a senhora vem já pra dar curso de movimentos sociais?**

Me chamaram. Porque, de alguma maneira, vamos dizer, eu já tinha presença na problemática urbana, já trabalhava, de alguma forma, também, com o trabalho urbano. Já dava essa área, até um certo ponto na geografia, na área de sociologia urbana. Já tinha a experiência mesmo de trabalho próximo com a área da problemática urbana. Então, no caso, quer dizer, eu acho que posso ser considerada assim, quer dizer, uma militante da reforma urbana também durante muito tempo, bastante tempo nisso. Isso anos. Foram mais de 20 anos. Então isto... também dá uma referência, faz uma referência de alguma maneira, né? Mas eu creio que a indicação pra cá, pra vir pro IPPUR, foi da professora Lícia Valladares, em conexão com o professor Luis César Ribeiro, aqui do próprio instituto.

**Dentro da problemática urbana, que a senhora trabalhava, o tema**

## **“movimentos sociais” apareceu como, assim, os atores sociais urbanos...?**

É necessário... não tem muito como não aparecer na época – né? – se nós lembrarmos que havia uma aplicação do marxismo na área do urbano muito intensa. Nós temos um avanço teórico muito forte que vem desde Castells, passando por uma problematização do urbano que teve uma penetração no Brasil extraordinária. Tanto em São Paulo como no Rio, mas também através até da organização da própria Anpocs. Então você tem uma problemática do urbano, uma problematização do urbano que valoriza as lutas ditas urbanas, fazendo a sua equivalência com as lutas mais do trabalho. Então isso é, vamos dizer, uma conquista teórica que vem desde o 68, com os movimentos na França e nos Estados Unidos, e penetra profundamente na consciência teórica, na consciência analítica no Brasil, na América Latina. Então aqui você tem uma penetração, assim, extraordinária da sociologia marxista francesa sobretudo, né? Espanhola, francesa e italiana. E a partir daí uma valorização dos movimentos sociais urbanos, fazendo deles também a boca de cena – né? – e não apenas os movimentos operários, os movimentos sindicais. Há uma equivalência nesse período. Você que está trabalhando com as duas faces – né? – é importante notar que há uma equivalência. E não só os movimentos do Brasil exigiam isso. Porque, na verdade, você já tem desde os anos 70 muitas explosões sociais, que não necessariamente acontecem no ambiente de trabalho. O Moisés trabalha isso muito bem – né? – com Verena. Então você já tem as explosões no transporte e em várias outras faces do urbanos. Indicações e organizações de luta por moradia, porque também já aconteciam e que, na verdade, quer dizer, a própria vitalidade da sociedade exigia um outro tipo de abordagem que fizesse a equivalência das lutas em geral e não apenas priorizassem, independentemente das circunstâncias, a luta operária ou a luta do trabalhador na fábrica apenas.

**Essa sociologia, vamos dizer assim, urbana advinda do marxismo seria, vamos dizer assim, seria a principal, uma das principais referências da época então?**

Seria, seria. Seria porque, na verdade, ela permite uma recuperação geral do pensamento sobre a cidade, né? E como ela vai combater um certo pensamento da sociologia, vamos dizer, norte-americana, comunitária, ou dos conflitos, mas dentro da ótica norte-americana, também tinha uma penetração na Europa muito grande... quer dizer, na medida em que ela faz essa contra-face ela organiza a necessidade, inclusive, de conhecer essa outra sociologia. Então mapeia de alguma maneira o campo, ele estimula esse mapeamento, mesmo que seja por oposição. Então ajuda ordenar e tem uma grande centralidade, porque acaba se discutindo, na época muito, e o Kovarick participa disso e muitos outros – né? – em torno da noção de contradições urbanas, que não são só contradições sociais, são contradições territorializadas, contradições urbanas. Então, na época, isso tem um poder também grande.

**Quando a senhora fala de sociologia norte-americana voltada pro urbano, a senhora está falando da Escola de Chicago?**

Exato. Quer dizer, as figuras que, na verdade, fazem a Escola de Chicago, né? E organizam, de alguma maneira, a problemática, então, do campo da sociologia urbana propriamente dita. E a partir daí você tem toda uma incorporação de teóricos europeus. No caso o Weber, o Simmel – né? – e outros que, na verdade, são incorporados teoricamente aí. A partir daí há também uma configuração na Europa de equivalências dessas mesmas teorizações sobre o urbano e depois a tentativa de ruptura com isso – né? – com Castells, problema de investigação em sociologia urbana e depois a questão urbana; o Estado e o urbano, o que é diferente também; a problematização do Lefebvre que, alguma maneira, permite que a gente tenha um quadro teórico, um parâmetro de reflexão dos movimentos que estavam explodindo aqui mesmo no Brasil. Na verdade, nós temos várias tradições. Nós temos que ter cuidado aí. Porque por mais que você tenha

uma sociologia marxista, ninguém era formado só por essa sociologia, né? Então, eu acho que a gente tem que fazer jus aos professores porque, na verdade, nos formavam de uma maneira mais larga. Então havia uma adesão muito forte, que depois se perde um pouco, eu acho, ao próprio pensamento social brasileiro e latino-americano, porque havia uma interação com a América Latina maior do que nos anos 60, então isso faz com que efetivamente se tenha outras matrizes e outras referências, inclusive a partir da própria problemática do trabalho. Então se você não isola a área de movimentos sociais urbanos da área do trabalho, como de fato nós não isolávamos – pelo menos eu não e nem Machado tampouco e nem vários outros, nem o Kovarick – na verdade você tem uma polarização que é latino-americana também. Que vem da teoria da dependência, da marginalidade. E que problematiza o trabalho, a condição urbana. E isso dialoga, com grande complexidade às vezes – mais sucesso e menos sucesso – com essa problematização que vem do marxismo europeu. Mas não é uma única matriz e, além disso, havia uma influência grande da própria antropologia pra que se fizesse estudos de caso que inviabilizava um olhar muito singelo e muito simplista de ficar aplicando marxismo europeu na realidade brasileira sem nenhuma mediação. Eu tenho impressão que isso não chega a ser assim tão, vamos dizer, tão marcante. É forte, mas não é a única matriz de construção do pensamento no período. Pelo menos quero crer que não.

**Dentro desse quadro existia, vamos dizer assim, algum tipo de avaliação.. como é que a senhora... em seus trabalhos e de outros professores da época... de certa forma, como é que eles viam esses movimentos sociais urbanos do Brasil da época?**

Havia uma enorme expectativa política, né? Nós temos que entender que, vamos dizer, havia uma força no período, nos anos 70, não só da resistência; quer dizer, você dá mais valor, inclusive, ao pensamento crítico exatamente porque está naquela conjuntura, então você se aproximar do marxismo europeu não deixa de ser um gesto de contestação também.

Então, quer dizer, há todo um sentido outro no remetimento teórico e de matrizes analíticas que guarda relação com a conjuntura propriamente dita que estava sendo vivida naquele momento em particular. E há, realmente, uma valorização no período muito grande, talvez exacerbada, de todo esse processo de protesto e de organização social. Então, de alguma maneira, vamos dizer, toda uma expectativa ela se gera em torno dos gestos da própria sociedade – né? – que é algo que vai exacerbar, talvez, o seu teor analítico mais sentido do que de fato o gesto talvez tivesse, vamos dizer assim, ou mais remetimentos estruturais do que talvez o gesto contivesse, mas, de alguma maneira, eu acho que isso se explica pela conjuntura. Eu acho que, talvez, tenha ocorrido realmente uma exacerbação de expectativas – né? – em torno de dar mais sentido radicalmente transformador aos processos do que, talvez, eles contivessem.

**A senhora diria, então, que a expectativa do campo dos intelectuais da época era mais política – por conta da conjuntura – do que uma expectativa oriunda dos estudos, das origens teóricas do trabalho de vocês...?**

Acho que sim. Mas isso, vamos dizer, somado dentro de matrizes mais complexas – né? – que eu acho que nós temos que trazer isso também para as correntes de esquerda dentro da própria teoria da marginalidade – né? – toda expectativa de um outro transformador. Então, penso que não dá pra... quer dizer, pra... vamos dizer, dizer que foi tudo um mimetismo do marxismo europeu, das suas expectativas equivocadas na França ou na Europa. Não se trata disso. Eu, pelo menos, não creio que sejam matrizes tão singelas. Você imbrica a problemática do urbano, a problemática do trabalho, a dependência, as teorias radicais da marginalidade, outros teóricos latino-americanos, fazendo uma conjugação de influências que gerariam esse padrão de expectativas. Além dos movimentos concretos que estavam acontecendo no período em termos de protesto, organização e presença popular efetiva nas

ciudades.

**Então, a emergência... a gente poderia dizer que a emergência dos movimentos urbanos no Brasil nesse período, nos anos 70, não os surpreendeu? Vocês, de certa forma, esperavam...**

Não. Eu acho que não dá pra dizer isso – né? Se surpreendeu, não surpreendeu. Alguns se surpreendem sempre, não é? Eu acho que muitas vezes é um pouco dificuldade de análise mesmo. Nós nos surpreendemos porque não estamos analisando – talvez, né? – as mudanças ou os contextos como deveríamos estar analisando. Então isso gera surpresas permanentes. Eu acho que vem um pouco de surpresa, mas vem sobretudo de esperança. Eu tenho impressão que havia, assim, uma enorme esperança de que cada ponto de rebeldia significasse superar aquela conjuntura de alguma forma, né? Essa esperança, às vezes, ela é muito radical, no sentido de ver sinais de uma mudança que superaria efetivamente, incluso o capitalismo. Mas outra não, era mais em direção à redemocratização da sociedade brasileira mesmo. Mas não creio que fosse surpresa. Tem pessoas que se surpreendem sempre, mas não são todos que se surpreendem sempre.

**A senhora afirmou... para mim me chamou atenção, que vocês procuravam não dicotomizar o campo, vamos dizer assim, dos estudos sindicais ou do trabalho dos estudos do urbano...**

Não. Porque tinha que fazer um enlace, né? Um enlace muito complexo que, na verdade, a própria teoria faz, mesmo essa teoria marxista do urbano, entre a problemática da produção e da reprodução social. Então, quer dizer, esse marxismo, ele não se descolou da reflexão da produção. A cidade, ou é um locus da produção ou é um locus da reprodução. Mas reprodução o quê? Da classe trabalhadora também. Então não tem como desvincular completamente a problemática da cidade, da problemática da produção capitalista e da reprodução social. Então – e é por isso mesmo – que quando se ajusta as leis pra América Latina e pra Brasil, é

necessário recuperar determinadas teorias que já tratavam, pelo menos do trabalho e da produção capitalista periférica, no contexto latino-americano e brasileiro. Então é por isso que dá pra fazer, dialogar essas duas entradas analíticas que você está tratando. Então alguns trabalhos obrigatoriamente sempre juntam. Assim como toda uma interrogação para saber até que ponto, por exemplo, a classe trabalhadora, os sindicatos sobretudo, poderiam absorver parte da problemática urbana, também da sua plataforma de reivindicações, ou se isso não era possível. Então há aí uma preocupação grande de imaginar que se possa articular a face da produção e a face da reprodução. A face mais estritamente, vamos dizer, econômica, com a face sócio-cultural da cidade, da vida urbana propriamente dita, né? E isso está em todos os teóricos, está também em Lefebvre, enfim, de uma maneira mais ampla, né?, o capitalismo...

**Mas ao mesmo tempo o processo, vamos dizer assim... não existiria o processo, dentro das ciências sociais no Brasil, o processo de autonomização desse campo de estudos de movimentos sociais que, de certa forma, era normalmente tributário dos estudos do trabalho? Isso, talvez, não tenha sido um... na trajetória tenha provocado algum tipo de dicotomia?**

Talvez aí, sim, você possa ver esta problematização, que é tão interessante à você, dos novos movimentos sociais, quase como na gênese desse processo de separação. Talvez você esteja vendo esse recorte, mas esse não é o único recorte, né? Nem sempre, quer dizer, a constituição do campo dos movimentos sociais gera necessariamente o corte com a problemática da produção e do trabalho. Nem sempre. Só pra aqueles que, na verdade, aderem de uma maneira bastante forte à ideia de que há um novo efetivamente e completamente novo. Mas nem todo mundo faz isso. Não é a única tendência. Minha preocupação é que essa, realmente, não foi a única tendência. Então, por exemplo, mesmo o movimento feminista, vai se buscar a história do movimento feminista no Brasil que é

larguíssima; se você vai olhar a parte do urbano, também se sabe que o processo de organização da população é muito anterior ao período que está sendo analisado. Então, quer dizer, nem sempre se faz a adesão à emergência de um novo campo da ação – né? – completamente colado à ideia do novo, propriamente novo, novíssimo. Nem sempre isto acontece. Então, nem todos os autores fazem o corte dessa maneira.

**Eu pergunto isso muito em função, por exemplo, dos trabalhos bem antigos do professor Werneck Vianna “atualizando a bibliografia do sindicalismo” e um outro que fala de movimentos sociais também, em que ele falava em certa passagem que – no entendimento dele na época – que não... que os estudos de movimentos sociais não mereceriam ser um campo científico próprio. Ele fala nessa passagem de modo muito claro. Enquanto que por outro lado – vou dar um exemplo bem radical – o professor... lá do Museu, o Carlos Nelson Ferreira dos Santos...**

A prática do Carlos Nelson estava muito marcada por isso. Ele trabalhou junto com o Machado na... inclusive Brás de Pina. Uma série de experiências concretas. Eles trabalharam juntos, então havia toda uma percepção da importância das formas de organização da sociedade vinculadas à construção do urbano propriamente dita. Inclusive pela sua gênese na arquitetura não tinha como não ser assim, né? Então, quer dizer, você tem realmente uma outra leitura completamente diferente. Eu suponho que seja quase uma leitura que não combina de forma nenhuma com a leitura do Werneck Vianna. Quer dizer, não tem nem como comparar.

### **É, exatamente tô te colocando como oposição...**

Eu diria que não tem nem como... não é nem oposição. Eu acho que é paralelo. É como se você tivesse, vamos dizer, gêneses teóricas diferenciadas de uma tal forma que não chega nem a criar, realmente, pontas de um mesmo campo. Eu acho não. Eu acho que corre um paralelo. Não tem a ver. Na minha maneira de ver não chegam e não foram nenhum nem outro referências muito fortes nas problemáticas internas ao campo dos movimentos sociais. Mais o Francisco de Oliveira, mais o próprio... é..

### **Milton Santos, Kovarick...**

Milton Santos menos, Milton Santos depois – né? – que começa ganhar uma importância muito grande. Mas não nessa época. Nos anos 70 não. É mais o Kovarick, que tem uma importância... realmente é muito significativo na América Latina. Enfim.. o Singer, o Paul Singer tem uma importância muito grande na problemática do urbano e da organização junto com annais do capitalismo periférico. Então nós temos outras referências que não essas.

### **Querida que a senhora falasse um pouco do doutorado da senhora em São Paulo. Porque a senhora foi pra outro Estado, outra tradição institucional. Como foi a senhora na...?**

A estrutura do doutorado da USP é muito leve, né? Na medida em que contrasta muito, inclusive, com o doutorado do IPPUR, que tem muitas disciplinas obrigatórias e também até com o mestrado, que também tinha muitas disciplinas obrigatórias. Então na verdade... quer dizer, pra mim era uma oportunidade muito grande porque durante os anos 60 e 70 a USP era... ainda é, mas era muito mais, uma referência de qualidade intelectual também. E de resistência também. Aqui foi muito massacrado o Rio de Janeiro, então... mesmo a destruição do IFCS e de outras áreas foi uma perda gigantesca pra o Rio de Janeiro. Então São Paulo era, vamos dizer, um pouco o objeto do desejo e a USP também, da minha geração.

Uma vontade muito grande de poder conviver com os intelectuais do CEBRAP, com os intelectuais da USP, de ouvi-los. Então, isto era uma vontade. Então pra mim apareceu como sendo, efetivamente, um caminho possível, interessante. Mas eu alterei muito meu objeto do conhecimento no período. Quer dizer, depois que eu fiz a entrada no doutorado, alterei... e aí, talvez, essa alteração é que possa dizer pra você como é que evoluiu pra mim a área de movimento social. Ela evoluiu teoricamente, ela evoluiu transformando as referências. Eu pessoalmente não acredito em teorias singulares dos movimentos sociais, por exemplo. Eu acredito, claro, piamente, em teorias da realidade social, teorias da organização social, teorias da dinâmica social, o que você quiser. Mas não teorias de movimentos propriamente ditos, como teorias singelas, únicas, né? E eu creio que eu nunca acreditei nisso mesmo. Acho que meus textos mostram também isso: que não havia um isolamento dos movimentos de orientações analíticas maiores. Então o que me leva a alterar meu objeto de estudo no doutorado é a observação do processo de redemocratização no Brasil, tá? Me assustou bastante ver a mídia como ela tinha uma influência enorme nos processos de organização social. Se nós lembramos das “Diretas Já”, toda uma projeção de artistas e de midiáticos que pra mim foi absolutamente surpreendente, que não estava na minha consciência dar tanta relevância à alguns, que eu não vou citar aqui, mas que na verdade se destacam muito mais pela questão midiática do que exatamente por qualquer tipo de consistência de qualquer ordem durante o período da ditadura. E como é que as biografias eram alteradas tão rapidamente através de intervenções midiáticas? Isso tudo me chamava muita atenção. Então eu comecei a trabalhar em simultaneidade com a área de sociologia urbana e das urbanas com a área de comunicação e das tecnologias de comunicação. Que me pareceu que tinha que fazer isso. Eu tinha que fazer isso porque era necessário ver os novos poderes, como é que eles se organizavam e que era importante trabalhar nessa direção. Tanto que a minha tese é sobre a produção social da imagem urbana. E eu já falo das firmas de

marketing nessa tese, eu já trabalho com marketing, a importância do marketing... foi difícil defendê-la porque as pessoas não achavam que isso era tão importante assim. Mas eu dizia que era importantíssimo, que me parecia que era muito importante e batia o pé. E, no caso, eu já trabalhava com espaço, trabalhava com o Milton Santos já nesse período dos anos 80. Ele não pode participar da minha banca, infelizmente. Mas foi uma defesa difícil, mas me pareceu que tinha muita consistência aquilo. E eu comecei a fazer pesquisa, mesmo pro CNPq, uma da nova forma de poder, esse poder da informação, o poder da técnica, né? E trabalhando em cima disso. Então, a teoria, pra mim, não era realmente a do movimento *strictu sensu*, era uma teoria da sociedade que era necessária e cada vez mais dentro de uma outra configuração do poder que mudava a forma de realização do capitalismo, inclusive, porque a reprodução via mídia tornava extremamente importante a definição da própria produção, que isso fica mais claro nos anos 90, mas pra mim era bastante claro nos anos 80, e como isso alterava o fazer política, né? Então há uma outra entrada, que é uma entrada teórica e analítica, que depois vai dar origem ao campo que eu trabalho hoje, que é o campo da ação social, o campo das teorias e da observação que eu via na iniciação científica da ação. Nós trabalhamos com a ação. Então nós trabalhamos com a ação independentemente de teorias de movimento, que muitas vezes a ação, ela se extingue no grito de protesto do indivíduo, entendeu? Ou três pessoas que gritam e protestam. Não precisa ser o macro-movimento, mas aquilo é um sintoma, um sinal de algo fundamental que está acontecendo na sociedade. Então nós trabalhamos já há alguns anos, há oito anos já, aqui dentro no laboratório que a Laura tanto ajudou também a fundar, que é esse laboratório da conjuntura social.

## **Em São Paulo, a senhora diria que.. na USP, que as leituras eram muito diferentes das do Rio, ou não?**

Não, na verdade havia muita convivência, né? Porque a operação das associações nacionais, sobretudo da Anpocs, ela permitiu um convívio grande, né? E nós conhecíamos bem... aqui, os pessoal formado no Rio conhecia muito bem a literatura que circulava – né? – da ambiência da própria USP, até pela relevância da USP, muito grande mesmo pra nós. Então, nós conhecíamos essa literatura. Todos tínhamos Cadernos Cebrap, todos tinham de alguma maneira o acesso à mesma literatura que circulava por lá. Talvez lá, o que me despertou mais o interesse, mas também havia aqui no Rio de Janeiro, foi o debate em torno da memória, a questão mesmo das histórias de vida, quer dizer, outras técnicas de pesquisa que lá eram bem trabalhadas e que de alguma maneira aqui também eram. O CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e outras instituições, mas que lá adquiriram uma certa centralidade como disciplina.

## **A senhora falou que não acredita muito em teorias mais específicas de movimentos sociais. Como foi na sua trajetória, por exemplo, a recepção dos trabalhos do Melucci, do Touraine, do Offe...**

Sempre sinais interessantes. Como se fossem sinalizações importantes. Mas eu não diria que esses autores eles criam exatamente teorias de movimento social. Eles criam teorias de uma sociologia da ação. Eles têm remetimentos teóricos e históricos muito mais largos do que exatamente o movimento em si gerando ele sozinho de uma maneira... ou a reunião de informações sobre os movimentos gerando teorias. Se nós observarmos bem, a própria produção do Touraine, você verá que... nós veremos que é uma teorização da sociedade que ele está procurando. É a sociedade pós-industrial, é a sociedade de alguma maneira criada por determinantes sociais *stricto sensu*. É isso que ele está criando e não exatamente uma teoria de movimento social. Ele valoriza os movimentos como nós também valorizamos, mas não é uma teoria em si dos

movimentos.

**A senhora acha que qual foi o impacto no Brasil dos estudos de movimentos sociais para a sociologia brasileira?**

Eu acho que tem uma influência temática bastante grande, né? Há um alerta, uma chamada de atenção pra fenômenos de extrema relevância pra compreensão do Brasil, pra análise do Brasil. Creio que nós nos deslocamos da análise estrutural pra análise da ação. Há efetivamente uma articulação entre a análise que é feita dos movimentos sociais e muitos outros campos do conhecimento que estava avançando no período, sobretudo uma nova mentalidade nas áreas da história, né? Uma nova percepção do espaço como categoria fundante, também, do pensamento social contemporâneo. Então, eu creio que abre o diálogo interdisciplinar de uma maneira muito forte. Abre para a valorização dos atores. Eu creio que aí há um impacto imenso naquilo que concerne... não dessa literatura pela literatura, mas uma literatura junto com os processos sociais em geral, né? E não ela em si influenciando. Eu acho que ela em si eu não saberia dizer, mas junto com os processos reais de organização, de transformação, o impacto é enorme, sobretudo, eu diria, o reconhecimento de formas diferentes de organização social e formas diferentes de concepção, inclusive, da ação do Estado. Então, o impacto é muito grande. Mas eu não ousaria dizer que é um impacto isolado daqueles que, por acaso, trabalharam com os movimentos. Eu acho que não é isso. É isso dentro de mudanças muito maiores.

**A senhora acha, por exemplo, que houve... tanto o campo do sindicalismo, mas especialmente o campo dos movimentos sociais na sociologia brasileira não teria rompido com certos paradigmas teóricos? Seja o marxismo mais rígido, seja... não diria isso, por exemplo? Porque isso eu ouvi muito, só pra pegar a minha leitura que eu faço de São Paulo...**

Eu tenho dificuldade de achar isso, sinceramente. Eu acho que isso é uma crença. Acho que é uma crença, talvez regional, entendeu? Mas eu não

consigo ver dessa forma e não penso que a nossa produção... pelo menos a minha não estava dirigida nesse sentido. Não faço um bom combate à década de 60, nem aos populistas, nem nada disso. Então realmente... Pois é. Não. Eu sou mais parecida com o Werneck Vianna nesse sentido. Então, não consigo ver isso, talvez porque nossa trajetória aqui seja outra, não tenhamos participado do novo sindicalismo de uma maneira tão próxima. Então a experiência histórica é outra, né? A experiência, portanto, da problemática nacional também é outra. Então a maneira como nós experienciamos a nossa formação é outra, a maneira como fomos reprimidos também foi outra, a maneira como nós resistimos também. Então existe uma ótica do Rio de Janeiro que é muito forte, inclusive, naquilo que concerne aos movimentos porque temos uma larguíssima experiência de movimentos sociais urbanos – inclusive, se você quiser chamar assim – na história da cidade. Então, movimento de favelados já havia muito antes de 64. Nos anos 50 nós já tínhamos a organização do Partido Comunista.

### **Mas estudos haviam?**

Estudos também. Estudos já haviam de alguma forma. Sabia-se. Conhecia-se pelas organizações, inclusive. Pela memória dos partidos. Então, há uma outra memória política – né? – que de alguma maneira afeta a percepção da conjuntura. E eu creio que dá uma outra leitura dos processos. Inclusive o novo sindicalismo junto com o velho sindicalismo, que também não é chutado pra debaixo da mesa nem nada disso. Eu acho que tem experiências diferentes em cada lugar, não há uma única temporalidade na produção científica, né? Ela tem variações regionais muito fortes e eu diria que heranças intelectuais muito diferentes também. Então, por isso que eu não ousaria dizer que há um corte aí, há um único corte que assim foi. Porque se você for mergulhar nos textos com muita atenção mesmo, você vai ver que correspondem a problematizações diferentes na verdade. Não há um único corte. Essa é a minha impressão, entendeu? Pelo menos eu quero crer.

## **Como a senhora avaliaria, muito resumidamente – claro! – a trajetória dos movimentos sociais urbanos nos anos 70 e 80?**

Vários enredos foram contados – né? – dessa trajetória. Então, você vai encontrar pesquisas, eu acho, bem feitas com relação a essa trajetória. Tem o próprio trabalho do Eder Sader: “Quando novos personagens entraram em cena”. Você tem... são várias óticas – né? – também pra fazer essa história. Você encontra também o próprio Lúcio Kvarnick... Porque, na verdade, há marcações conjunturais internas nesse período aí. 70 e 80 é muito tempo – né? Na marcação da própria história do país muita coisa aconteceu nesse período com muita velocidade, eu diria, a própria urbanização, a brutalidade do processo de urbanização é uma coisa incrível. Então, eu diria que transformações estruturais ocorreram nesse período e também, vamos dizer, toda expectativa política em torno da transformação social. Então, os movimentos – urbanos, no caso, né? – os movimentos urbanos, eu creio que eles conseguiram dialogar. Quer dizer, eu acho que ultrapassa a organização pontual, a organização de bairro, a organização setorial, organização por transportes, por habitação – né? – ultrapassa isso pra criar uma problemática urbana propriamente dita. E isso me parece uma tremenda conquista desse período, até chegarmos à conquista na Assembléia Nacional Constituinte pela primeira vez – e isso é original no caso brasileiro – de uma plataforma urbana, de direitos urbanos propriamente ditos. Então eu acho que é um espetáculo. Em termos de superação dos limites é muita coisa. Esses anos aí 70 e 80, vamos dizer assim. É muita coisa. E tem hoje organizações de nível nacional importantes, na área da habitação sobretudo; na área de saneamento também; dos transportes também, mostrando a relevância desses processos. Que eu diria que começaram um pouco... aquele tipo de pinga chuva – né? – gotas pra lá e pra cá, mas que, de alguma maneira, também geraram um caudal de processos até chegar aí. E que agora está nas conferências das cidades, enfim, de outros processos completamente diferentes.

**Seguindo o que a senhora falou agora no fim, a senhora diria que os movimentos sociais urbanos, eles, vamos dizer assim, deram conta das expectativas dos estudiosos da época?**

Eu acho que depende do estudioso da época, né? Nós estamos conversando que eles não são iguais. Por mais que interagissem, correspondiam a tradições políticas diferentes, a influências organizacionais diferentes, até partidárias. E também, vamos dizer, à correntes de pensamento diferenciadas. Acho que alguns exacerbaram de alguma maneira as expectativas em torno dos movimentos. Mas nem todos. Nem todos analistas depositaram nos movimentos sinais de transformação radical. Nem todos eles. Então acho que depende muito daquele que você tiver refletindo na sua trajetória intelectual, na sua trajetória profissional. Eu tenho que pra alguns, tenho por mim que pra alguns que depositaram uma expectativa extraordinária em cima dos movimentos, de alguma maneira deve ter tido algum tipo de decepção. Pra outros eu acho que não. Inclusive eu acabei de dizer que foi uma tremenda vitória ter chegado ao momento da Constituinte com direitos urbanos.

**No caso da senhora, a expectativa política e teórica que a senhora colocava nos movimentos, ela foi de certa forma...**

Satisfeita. Sem dúvida. Sobretudo por conta da extrema dificuldade, que pra mim sempre foi muito clara, da organização social, das dificuldades de vida concreta das pessoas e os limites mesmo do que era possível esperar, também, na própria conjuntura da redemocratização. Então não me parece que, efetivamente, seja justo dizer “que decepção”. Não cabe ao analista ficar decepcionado, né? Acho eu. Não é uma boa atitude, não acho correto. Sobretudo porque o outro lá que na verdade está sendo sacrificado de alguma maneira e pagando os custos – né? – da própria organização dos movimentos e da transformação social. Mas também nem tudo termina na democracia burguesa, né? Ponto. *(Risos)*

**A senhora chegou a ter, vamos dizer assim, atividades extra-acadêmicas junto aos movimentos populares urbanos por conta de seu estudo? Deu cursos...?**

Não, bastante. Mas – veja! – eu sempre interagi bastante com militantes, na medida que eu os orientava, né? Em termos até de dissertações de mestrado, de formação, de participação, na formação de militantes. Então isso sempre aconteceu e eu participava. Então... do Fórum Nacional da Reforma Urbana, participei bastante do Fórum Nacional da Reforma Urbana e diretamente também no próprio processo de concepção e consolidação da emenda popular da reforma urbana. E.. quer dizer, participei bastante intensamente dos processos de organização. E me chamavam com frequência também para falar, para movimentos, para estar muito perto dos movimentos e participando. E depois também eu tive a oportunidade de presidir o conselho deliberativo da FASE durante seis anos. Então aí toda uma interação muito grande com os processos de organização social.

**A atuação da senhora na FASE foi também de pesquisa?**

Fizemos vários estudos juntos. Então, inclusive, depois eu posso dar ... que talvez eu tenha algum livro aí, ainda da FASE, mas eu cheguei a produzir pesquisa junto com o Fórum de Participação Popular sobre o orçamento participativo também, e movimentos de intervenção e organização urbana, também, alguma coisa foi feita.

**A senhora teve contatos vários com a Famerj, Faferj na época?**

Já. Também, eu mesma tive contatos e também contatos mediados. Contatos mediados pelo processo de organização maior que estava em curso – né? – em torno da problemática urbana. E participando de reuniões na Famerj, reuniões que... aonde tinha representações de vários movimentos. Chegamos a ter reuniões aqui do Fórum Nacional da Reforma Urbana com mais de 500 entidades juntas. Então, isso era uma movimentação social enorme que vários participavam, vários estudiosos

de movimentos, de alguma forma – né? – e sobretudo aqueles que trabalhavam a problemática urbana participavam. As próprias instituições participavam do Fórum Nacional da Reforma Urbana. Ele coparticipou do Fórum Nacional da Reforma Urbana. O próprio instituto. Então havia uma filtração de ideias de participantes e de militantes pra lá e pra cá o tempo todo, como há até hoje.

**Além da FASE, a senhora teve atuação em mais, com maior ou menor intensidade, em outras ONGs, nesse período todo que a senhora tá no IPPUR ou não, foi mais a FASE mesmo?**

Não. Só. Quer dizer, foi mais a FASE, mas muito mais. Vamos dizer, a FASE, como ela é muito relevante, não nas outras ONGs, na verdade liderou alguns processos que envolveram várias outras ONGs. Inclusive uma pesquisa sobre orçamento participativo que, na verdade, foi um acordo com o Fórum Nacional de Participação Popular onde um grande número de ONGs participou do próprio levantamento da informação realizando pesquisa. Então a pesquisa nem sempre é feita pela universidade, né? Ela é feita também por ONGs. E às vezes por militantes de movimento social. Há uma interatividade muito grande ao nível da problemática urbana. Você tem vários papéis. Cada um tem vários papéis e passa de um lado para o outro o tempo todo num processo de uma frente de interrogações muito grande, né? E de participações.

**Nesse período especificamente que a senhora citou como... seria uma importância, assim, da Constituinte, como é que a senhora se pensaria ou se pensava na época como intelectual que conseguia conjugar o estudo com articulação com os atores sociais? Como é que a senhora via o seu próprio papel?**

Eu não vejo separações maiores entre uma coisa e outra, mesmo porque na medida em que você não comete nenhum suicídio intelectual, mas você continua mantendo a sua própria identidade e dizendo que é isso que você é e não uma coisa qualquer, eu acho que a interação ela pode ser excelente. Quer dizer, não há separação de papéis. É a mesma coisa eu

estar fazendo qualquer outra coisa. Ou seja, desde que não se tente fingir aquilo que não se é. Ou seja, se tenho um certo acúmulo de conhecimento numa área, tenho mesmo. Não significa arrogância, significa fato. Por privilégios ou por, vamos dizer, por trajetórias de vida, por opções. E isso nunca impediu uma interação extremamente positiva com qualquer outro militante da frente da reforma urbana. De maneira nenhuma. Acho que não há essa dificuldade que existe em outros movimentos. Tipo assim: “não, o intelectual fica pra lá e o organizador fica pra cá”, quer dizer, esse tipo de coisa efetivamente não existe.

**A senhora não teve em nenhuma ocasião, ou em várias ocasiões, não aconteceram nenhum tipo de resistência de parte dos movimentos em relação à atuação, ao auxílio de vocês, ao envolvimento do IPPUR de intelectuais..?**

Não porque faz parte do movimento. Nós somos parte do movimento. Nós não somos de fora do movimento dando apoio ao movimento. Nós somos parte do movimento. Então, de alguma maneira, vamos dizer... pois é, não há esse tamanho estranhamento... claro que pode existir alguma resistência basista e anti-intelectual, isso pode existir. Mas como a problemática urbana ela exige, realmente, o saber especializado, não tem como brincar com os instrumentos do conhecimento, porque você tem que entender de legislação, da história da cidade, tem que entender dos interesses que estão conjugados nessa complexa coisa chamada uma cidade. Então, não há uma dificuldade tão grande. A área do direito – né? – que é muito militante, muito participante, a área do direito urbano, ela é muito importante demais para que se crie tamanha oposição ao conhecimento intelectualizado. Eu acho que isso aí não dá. Eu acho que a problemática urbana não admite dificuldade dessa ordem. Claro que pode existir uma resistência aqui ou ali, mas absolutamente tratável, não tem dificuldades.

**Uma penúltima pergunta então: nesses anos todos, o conceito de novos movimentos sociais, como é que apareceu na sua trajetória? A**

**senhora tem críticas? É algo, vamos dizer assim, fora...? Que eu sei que esse conceito não é muito relacionado à questão urbana. Mas a senhora chegou a utilizá-lo...?**

Eu acho que não tem jeito de não utilizar na medida que... não era utilizar sem crítica, se não não há jeito de problematizar, porque desde... também envolve a problemática urbana de alguma maneira, porque seria a cidade do capitalismo monopolista? Do capitalismo depois informacional. Porque, de alguma maneira, estaria se manifestando através dos movimentos sociais, das lutas sociais urbanas. Então, essa cidade capitalista também, ela não é a mesma de sempre. Ela também se transforma no seu conteúdo, nas suas funções, nas suas vocações. Então, de alguma forma, o novo ele se apresenta. Não tem como negar que novas questões estão postas sobre a mesa e que, portanto, novas formas de atuação social também estão postas sobre a mesa. Também para a problemática urbana, né? Por outro lado, a mim parece que a questão dos novos movimentos sociais ela é de natureza política e ela emerge no contexto europeu desde 68 por conta de uma defesa necessária de atores. Atores que partem de uma problemática que não era diretamente do trabalho, nem uma problemática sindical. E que traziam em si uma outra dimensão. Quer dizer, além da dimensão da exploração, a dimensão da opressão. Então a questão da opressão, ela está profundamente vinculada à problemática dos novos movimentos sociais. A opressão étnica, a opressão contra a mulher; depois será a opressão contra o imigrante. Mas a problemática da opressão não está posta. Então nós temos uma entrada da análise da cultura e dos valores que se dará através desse campo dos novos movimentos sociais ou da questão dos novos movimentos sociais. Então mesmo que se duvide do caráter estreitamente novo de alguma ação, né? Ou até duvide da existência de um corte tão radical entre velhos e novos movimentos, não dá para descartar a problemática que está sendo trazida por aqueles que trabalham a ideia de novos movimentos sociais. E sobretudo a dimensão da cultura e a dimensão da opressão. Eu acho que aí não dá pra descartar.

Então entra. Entra como problemática, entra como problematização mesmo que não entre como fato histórico estreito, né? Mas entra como problemática. Eu acho que não dá pra descartar.

**Uma última pergunta: a senhora, de certa forma, claramente continua próxima, estudando movimentos sociais urbanos. Como é que a senhora vê, por exemplo, o... de alguma forma, uma aparente queda de interesse nesse tema na sociologia brasileira, visto, por exemplo – acho que no IPPUR, aqui não ocorre muito isso – mas visto, por exemplo, que na Anpocs o grupo de movimentos sociais não se reúne há anos..?**

No meu texto, então, que saiu publicado na Anpocs mesmo em 1991, eu tô defendendo o tema dos movimentos sociais. Porque pra mim ficava bem claro que ele ia entrar em refluxo exatamente aí. Por conta... ele teve uma enorme centralidade durante os anos 80, na própria organização da Anpocs, e pra mim ficou bastante claro que havia um deslocamento de interesses acontecendo nas ciências sociais – eu não tô falando nem da Anpocs apenas, mas nas ciências sociais em geral – deslocando dos movimentos sociais para as políticas públicas. Então, pra mim é muito claro, de alguma maneira as ciências sociais foram institucionalizadas nos anos 90, inclusive com a subida de Fernando Henrique à Presidência da República. Isso transforma, eu acho, em grande parte, a autopercepção das ciências sociais. A influência de Tourraine é grande aí, inclusive por conta de sua proximidade com Fernando Henrique, né? E eu creio que também por conta da mudança de enfoque dos movimentos que, de alguma maneira, também se centralizaram na luta pela democracia, da democracia para as políticas públicas não é um salto tão gigantesco assim, né? Então eu creio que, de alguma maneira, aconteceu essa conjugação de fatos, que nós podemos chamar de afinidade eletiva, esse processo de natureza diversa, mas que se conjugam para apagar a centralidade da temática dos movimentos sociais aí nos anos 90. E, pra mim, esse processo estava acontecendo mesmo. Tanto que eu escrevi

esse texto defendendo o tema dos movimentos sociais aí no início dos anos 90, que me pareceu que, de fato, ia haver o deslocamento para o campo das políticas públicas.

**Houve muito claramente. Mas a senhora vê esse processo como...**

Acho uma perda. Acho uma perda porque, na verdade, você não pode imaginar a sociedade apenas na interação dela com o Estado. A sociedade não interage apenas com o Estado. Essa é uma leitura extremamente limitante. A sociedade interage com segmentos sociais dentro do próprio tecido social. Em grande parte, vamos dizer, o preconceito, a maneira como cresceu, inclusive, o medo; a forma como se deu o momento da violência no próprio tecido social – né? – eu creio que isso guarda relação com a grande ilusão de que a sociedade interage apenas com o Estado. E que políticas públicas substituem Política com “P” maiúsculo. E que governabilidade substitui Governo com “G” maiúsculo. Eu creio que há uma redução da problematização, né? Os movimentos sociais exigiam de alguma maneira a reflexão da sociedade como totalidade e as políticas públicas, na verdade, eu acho que recortam isso para o plano... acaba setorializando e de um plano muito específico da relação governo e sociedade. Essa não é a única relação que nós temos que tratar, né? Então acho que, de alguma maneira, há uma redução. Apesar dos ganhos teóricos que acontecem ao mesmo tempo. Inclusive aí em relação à cultura, aos movimentos, enfim, de novos movimentos, enfim, as lutas identitárias e outros processos que estão em curso simultaneamente.

**Professora, muito obrigado.**

Nada, foi um prazer.

**Créditos:**

Entrevista concedida a Marco Antonio Perruso, em 25 de abril de 2006, cedida ao Arquivo de Memória Operária (IFCS-UFRJ) e publicada no livro "Ciência e Política: Memórias de Intelectuais" (org.: Marco Antonio Perruso e Mônica da Silva Araujo, Mauad X/FAPERJ, 2015).